

Considerações a respeito da concepção de religião nos textos freudianos “O futuro de uma ilusão” e “O mal-estar na cultura”¹

Wilson Camilo Chaves

Professor adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei.

End.: Rua Alaor Ferreira da Fonseca, 390, Jardim América. Alfenas, MG. CEP: 37130-000.

E-mail: camilo@ufsj.edu.br

Rita Helena Gonçalves Nani

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei. Ex-bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPQ.

End.: Rua Ministro Gabriel Passos, 326, apt 01, Centro. São João Del Rei, MG. CEP: 36307-330.

E-mail: ritanani@oi.com.br

Resumo

Este artigo visa elucidar a concepção de religião nos textos freudianos O Futuro de uma Ilusão, de 1927, e O Mal-Estar na Cultura, de 1929-30. Este trabalho se justifica uma vez que se tornou lugar comum a premissa de que para Freud a religião não passa de uma ilusão, próxima ao adjetivo “ópio” que lhe deu Karl Marx. O

homem se torna psiquicamente dependente de suas crenças de tal maneira que não consegue suportar a vida sem ter em sua base uma religião. Freud, em O Futuro de uma Ilusão afirma que as religiões são ilusões na medida em que se originam do desejo humano. Como são ilusões e não constituem objeto das ciências, não oferecem margem para questionamentos a respeito de sua autenticidade. Já no texto O Mal-Estar na Cultura tenta compreender a origem do sentimento oceânico, inerente à religiosidade. Elabora a hipótese de ser uma extensão do sentimento primário do eu. Para este autor, o sentimento religioso é expressão de uma necessidade intensa, que poderia ser uma “reedição” do sentimento de desamparo infantil. Ou seja, seria a reedição da necessidade de proteção de um pai vivida na infância, de uma proteção contra um poder superior do destino. Conclui-se que, em ambos os textos freudianos, a religião é uma das expressões do desejo humano, daí seu caráter ilusório. Sua força está no fato de que é fonte de necessidade intensa de uma busca pelo Pai, reeditando a condição de desamparo infantil.

Palavras-chave: religião, teoria freudiana, reedição do desamparo infantil, ilusão, Psicanálise.

Abstract

*This paper aims to elucidating the religion concept in the Freudian texts *The Future of an Illusion* (1927) and *Civilization and its Discontents* (1929-30). This work may be justifiable if taken into account the premise – which has become a commonplace – that, in Freud’s view, religions is nothing but an illusion, something close to the adjective “opium”, given to it by Karl Marx. Man becomes psychically dependent on his faiths in such a way that he is not able to carry on without owning a religious base. Freud ascertains in *The Future of an Illusion* that religions are mere illusions as they come from human desire. As illusions that do not take part in science’s objects, are not susceptible to questionings concerning their authenticity. In *Civilization and its Discontents* Freud attempts to understand the origin of the oceanic feeling which is inherent to the religiosity. He elaborates the hypothesis that it could be an extension of ego’s primary feeling. According to Freud, religious feeling expresses an intense urge that could be a “re-edition” of the sense of abandonment experienced in childhood. That is, it could be the re-edition of the necessity of a father’s protection experienced*

in childhood against destiny's superior power. In conclusion, in both texts religion is regarded as one of human desire's expressions, hence its illusive character. Its strength lies in the fact that is a source of intense need for seeking the Father, as a repetition of child's condition of abandonment.

Key words: religion, freudian theory, re-edition of childhood's sense of abandonment, illusion, Psychoanalysis.

Introdução

A humanidade, desde seus primórdios, tem apresentado manifestações culturais que simbolizam e retratam sua necessidade de comunicação, com símbolos e ícones que a têm unido com divindades e deuses. Primitivamente, as pinturas rupestres eram o testemunho desse apego ao transcendental no culto aos astros, a seres e materiais que, de alguma forma, protegeriam nossos ancestrais. No homem moderno, nem tão moderno assim, esse culto tomou a forma da idealização de um ser transcendental responsável pela criação e proteção da raça humana. Daí o surgimento da religião, palavra cuja etimologia significa “re-ligare”, ou seja, uma ligação profunda entre o homem, Criatura, com o Criador, o ser supremo.

A religião nos remete a um significado profundo na história da humanidade. Podemos pensar que a própria evolução humana só conseguiu atingir estágios crescentes de cultura e desenvolvimento graças a essa comunicação feita de formas variadas e multifacetadas. O transcendentalismo dessa ligação com seres e coisas imateriais pode ter concorrido para o desenvolvimento de nosso cérebro, produzindo assim saltos crescentes de inteligência e criatividade. Nesses termos, somente a materialidade de nosso cotidiano não explicaria o homem como hoje o conhecemos, com suas conquistas espetaculares na tecnologia e outros campos, o que nos difere das espécies chamadas inferiores.

No que se refere ao aspecto sócio-político, a religião tomou uma característica ideológica, na qual grupos dominantes exerciam controle e opressão sobre os fiéis ingênuos, que aceitavam as normas e práticas religiosas de uma maneira passiva e incontestada.

Porém, com o crescimento de informações científicas nesse início de século XXI, o homem passou a ter uma postura mais crítica e corajosa diante de preceitos religiosos. Tanto é verdade que, nos tempos bíblicos, não se admitia sequer a própria menção da palavra “deus” ou “Javé”, sob pena de castigos severos. Atualmente, fala-se e divulga-se uma “nova ciência”, a ateologia, isto é, o estudo da não existência de Deus. Assim, prolifera um crescente número de publicações que contestam e combatem as religiões de um modo geral.

Esse tipo de atitude com relação às religiões, algumas vezes até agressiva, permanece, no entanto, como acessível apenas a uma minoria mais esclarecida. No que concerne à população de um modo geral, a religião continua sendo um sustentáculo que provê uma resposta para suas inseguranças. À procura de algo que o tranqüilize diante do futuro, do desconhecido, uma vez que estes o angustiam e o amedrontam, o homem continua recorrendo a respostas fundamentadas na emoção, na fé, nas religiões. Nesse sentido, torna-se difícil entender o processo cultural sem levar em consideração o valor atribuído a essas crenças religiosas.

Diante da breve discussão acima exposta, a análise da vivência religiosa pode-se definir como uma importante investigação no campo epistêmico inaugurado por Freud, uma vez que este problematizou a temática da religião em alguns de seus textos, entre eles, **O Futuro de uma Ilusão**, de 1927, e **O Mal-Estar na Cultura**, de 1929-30. Este artigo objetiva precisar o lugar que ocupa certa concepção de religião nos textos freudianos acima citados, assim como verificar qual o papel exercido pela religião no nosso psíquico e elucidar a articulação que Freud faz a respeito do “sentimento religioso” citado no texto **O Futuro de uma Ilusão** com o conceito de religião elaborado no texto **O Mal-Estar na Cultura**.

Neste trabalho, organizaremos as discussões em três grandes tópicos. O primeiro tratará das elaborações realizadas por Freud sobre as crenças religiosas em seu texto de 1927, **O Futuro de uma Ilusão**; o segundo tópico discorrerá sobre suas concepções de religião no texto **O Mal-Estar na Cultura**, de 1929-30; enquanto que o terceiro será uma articulação entre os conceitos elaborados em ambos os textos supracitados.

1. A visão de Freud sobre a religião em seu texto “O Futuro de uma Ilusão”, de 1927

As práticas religiosas são relacionadas freqüentemente com a procura de verdades que, segundo se imagina, os homens devem conhecer para seu próprio bem e que estão acima do conhecimento comum ou da educação puramente racional. Freud, nesse texto de 1927, tenta de uma maneira geral fundamentar a função das crenças religiosas no psíquico humano e desmistificar as religiões como capazes de apreender a realidade.

Em **O Futuro de uma Ilusão**, Freud (1927/1978a) assegura que as idéias religiosas são da ordem das ilusões². Entretanto, esse mesmo autor nos adverte que ilusão não é igual a erro. Embora essas idéias aproximem-se de delírios, diferem desses últimos pelo fato de terem como fator essencial a contradição com a realidade. Já as idéias religiosas são ilusões na medida em que se originam do desejo humano. Nas próprias palavras de Freud (1927/1978a, p.107), as idéias religiosas

proclamadas como ensinamentos não constituem precipitados de experiência ou resultados finais de pensamento: são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos

Em outro texto, Freud (1915/1996, p.317), justificando o porquê da aceitação dessas idéias religiosas, que são da ordem da ilusão, afirma que

Acolhemos as ilusões porque nos poupam sentimentos desagradáveis, permitindo-nos em troca gozar de satisfações. Portanto, não devemos reclamar se, repetidas vezes, essas ilusões entrarem em choque com alguma parcela da realidade e se despedaçarem contra ela.

Pegoraro (2008, p. 30), em seu livro **Freud, ética e metafísica: o que ele não explicou**, acrescenta ainda que

a religião tranqüiliza a pessoa angustiada fazendo-a imaginar que o universo é controlado pelos deuses que o criaram como criaram o homem para ser guardião da

natureza e dos elementos. Tudo isto cai como um bálsamo na alma agitada. Animado por estas projeções ilusórias, o homem enfrenta os acontecimentos objetivos adversos.

Dessa forma, realiza-se, pela religião, o desejo de proteção contra os males advindos do mundo externo, bem como das agitações provenientes da condição psíquica conflituosa que caracteriza o humano, de acordo com a perspectiva freudiana. Nesse sentido, Morano (2003) declara que a garantia que a religião proporciona se relaciona com a satisfação de desejo que torna possível de ser obtida, mas nos alerta de que, ignorando a realidade, aproxima-se de uma ilusão com característica infantilizante e corre o risco de ser situada nas proximidades do delírio.

Como são ilusões, e não são passíveis de experiência, não constituindo, como conseqüência, objeto das ciências, não oferecem margem para questionamentos a respeito de sua autenticidade. Assim, afirma Freud (1927/1978a, p.104) que *“em épocas anteriores, uma tal presunção era punida com os mais severos castigos, e ainda hoje a sociedade olha com desconfiança para qualquer tentativa de levantar novamente a questão.”*

É justamente esse impedimento que desperta nossas mais severas suspeitas, pois para tal proibição há apenas uma explicação: as pessoas, no fundo, têm consciência de quanto é insegura a reivindicação que fazem a favor de sua doutrina religiosa. Freud (1927/1978a) não se preocupa com o valor de verdade das doutrinas religiosas, mas apenas afirma que elas, em sua natureza psicológica, não passam de ilusões.

De acordo com Morano (2003, p.71), *“não será contornando a realidade por intermédio de ilusões nem a transformando de modo delirante que o homem conseguirá conquistar um grau suficiente de bem-estar racional de suas pulsões”*. Pelo contrário, trata-se de ajustar-se à realidade, com o objetivo da busca de felicidade. Para esse mesmo autor, como veremos adiante, tal empreitada deve ser obra da ciência e jamais da religião.

Porém, a ignorância acerca de onde veio e para onde vai – o futuro é a grande incógnita - torna o ser humano carente de respos-

tas que o tranquilizem diante do desconhecido e a falta de respostas centradas na razão leva ainda o homem a procurar respostas fundamentadas na emoção, na fé, nas religiões. Tenta-se explicar a origem e o futuro construindo esquemas que proporcionem uma maior tranquilidade frente a esse desconhecido. A incerteza, então, será substituída por uma ilusória segurança. Nesse sentido, seria a religião um fato negativo e necessário de ser excluído na era moderna? Até que ponto a hostilização da religião afetará o homem, uma vez que ela é uma necessidade do plano emocional que encontra na ilusão uma relativa satisfação, pois, inclusive, “consegue explicar” algumas interrogações, até então sem resposta, tais como a nossa origem e nosso futuro, por exemplo?

Nesse sentido, Freud (1927/1978a, p.125), em *O Futuro de uma Ilusão*, levando em consideração que as idéias religiosas configuram-se como uma necessidade de defesa psíquica, afirma que “*não devemos desprezar o fato de que também as necessidades humanas são uma realidade e, na verdade, uma realidade importante, uma realidade que nos interessa especialmente de perto*”

Freud (1927/1978a, p.125) não descarta as vantagens que a doutrina religiosa traz para a vida comunal do homem, como, por exemplo, a possibilidade de um “*refinamento e sublimação das idéias que tornam possível para ela livrar-se da maioria dos resíduos oriundos do pensamento primitivo e infantil*”.

Entretanto, não raramente encontramos posições que garantem que as religiões devem ser banidas e extirpadas de nossa sociedade. Um exemplo bem atual desse caso é a posição, que se poderia dizer radical, do biólogo inglês Richard Dawkins que, em seu último livro, **A Ilusão de Deus**, ataca de maneira veemente todas as formas de crença. Numa reportagem ao jornal **Folha de São Paulo**, de 18 de fevereiro de 2007, afirma: “*Não quero apenas incomodar as pessoas – quero mudar suas mentes.*” Resumidamente, Dawkins assevera que as religiões são o grande mal da humanidade e defende sua extinção pura e simples. Uma tese como essa, que tem adeptos no meio científico, possui um caráter revolucionário, com o qual Freud certamente não concordaria. De acordo ainda com Freud (1927/1978a), a necessidade de uma fé é algo difícil de ser substituída por uma cultura totalmen-

te despossuída dela. Por mais que a ciência avance e se distancie da fé, esta última possui uma vantagem, que é oferecer uma proteção diante das adversidades vindas tanto do micro quanto do macrocosmo e também disponibilizar uma resposta na busca de um sentido para a existência. Dessa maneira, Morano (2003, p. 74) afirma que a arte e a filosofia não trazem perigo à ciência, mas esta deve se preocupar

... somente com a religião, pois ela dispõe das mais poderosas emoções humanas e disputa com a ciência a realização de aspirações para as quais o afazer científico se encontra em nítida desvantagem. Isto porque, se na ordem do saber a ciência supera o poder e o domínio que a religião possuía na Antiguidade, esta continua mantendo o seu influxo na função protetora, mitigando o medo dos homens com suas consolações nas desgraças e com suas promessas de vida futura, e, de forma ainda mais definitiva, na área da moral, na qual a ciência se recusa a intervir.

Porém, Freud (1927/1978a, p.126) ressalva que a religião é apenas uma etapa do processo evolutivo humano:

A longo prazo, nada pode resistir à razão e à experiência, e a contradição que a religião oferece a ambas é palpável demais. Mesmo as idéias religiosas purificadas não podem escapar a esse destino, enquanto tentarem preservar algo da consolação da religião. Indubitavelmente, se se confinarem à crença num ser espiritual superior, cujas qualidades sejam indefiníveis e cujos intuítos não possam ser discernidos, não só estarão à prova do desafio da ciência, como também perderão sua influência sobre o interesse humano.

Não se pode perder de vista que a visão que Freud possuía, de que a única maneira de se chegar à verdade era através da racionalidade, foi amplamente influenciada pelo forte valor que o positivismo possuía em sua época. De acordo com Pegoraro (2008), trata-se do final do século XIX e primeiras décadas do século XX, época em que as culturas ainda se restringiam ao âm-

bito familiar, com costumes provincianos, em relação às práticas religiosas e convicções sócio-políticas. O espírito cosmopolita encontrava-se muito distante dessa época. A ciência ainda não havia realizado suas maiores descobertas que estavam por vir, embora Freud apostasse veementemente nos seus avanços.

Deve-se, no entanto, levar em consideração um outro aspecto de suma importância da fé, dando ao homem a capacidade de enxergar além do seu mundo material e possibilitando a concepção de sonhos tidos, à primeira vista, como irrealizáveis. Nesse sentido, a fé teria uma característica propulsora da evolução da humanidade. Como Freud (1927/1978a, p.109) mesmo afirma, “*o homem que não vai além, mas humildemente concorda com o pequeno papel que os seres humanos desempenham no grande mundo, esse homem é, pelo contrário, irreligioso no sentido mais verdadeiro da palavra*”.

Freud, ainda nesse texto, nos chama atenção para a aproximação que se faz da imagem de Deus com a imagem de um pai. Ele explica que o homem, quando exposto a situações de perigo ou quando se percebe apenas um juguete das forças da natureza ou do Destino, tende a se amparar na busca de uma proteção divina e, nesse sentido, paterna. Freud (1927/1978a, p.98) endossa que

Foi assim que se criou um cabedal de idéias, nascido da necessidade que tem o homem de tornar tolerável seu desamparo, e construído com o material das lembranças do desamparo de sua própria infância e da infância da raça humana. Pode-se perceber claramente que a posse dessas idéias o protege em dois sentidos: contra os perigos da natureza e do Destino, e contra os danos que o ameçam por parte da própria sociedade humana. (...) Tudo o que acontece neste mundo constitui expressão das intenções de uma inteligência superior para conosco, inteligência que, ao final, embora seus caminhos e desvios sejam difíceis de acompanhar, ordena tudo para o melhor — isto é, torna-o desfrutável por nós. Sobre cada um de nós vela uma Providência benevolente que só aparentemente é severa e que não permitirá que nos tornemos um juguete das forças poderosas e impiedosas da natureza.

É interessante observar que, de algum jeito, as religiões, instaurando um Pai Todo Poderoso, onipotente e sempre presente, que tudo sabe a nosso respeito e está sempre pronto a vir em nosso socorro, introduzem alguma possibilidade de inserção em uma história, em um simbólico. Mas, quantas religiões teremos que inventar nessa busca exasperada para manter um Pai? Até quando continuaremos presos nessa alienação que traz em seu íntimo uma necessidade de segurança frente ao desconhecido? A respeito dessa questão, Freud (1927/1978a, p.122) se diz favorável a uma educação para a realidade, na qual os homens *“terão de admitir para si mesmos toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo; não podem mais ser o centro da criação, o objeto de terno cuidado por parte de uma Providência beneficente”*.

Pegoraro (2008, p.32) acrescenta que para Freud, *“educar para a realidade consiste no processo de superação das convicções religiosas da humanidade. Neste momento os homens estarão entregues a si mesmos, à sua sorte, à sua liberdade, criatividade e ao projeto científico”*.

Freud (1927/1978a, p.123) considera ainda que os homens não se encontram totalmente desamparados, pois

seu conhecimento científico lhes ensinou muito, desde os dias do Dilúvio, e aumentará seu poder ainda mais. E quanto às grandes necessidades do Destino, contra as quais não há remédio, aprenderão a suportá-las com resignação.(...). Afastando suas expectativas em relação a um outro mundo e concentrando todas as energias liberadas em sua vida na Terra, provavelmente conseguirão alcançar um estado de coisas em que a vida se tornará tolerável para todos e a civilização não mais será opressiva para ninguém

Freud (1927/1978a, p.114), em seu texto **O Futuro de uma Ilusão**, já advertia que, na medida em que o homem avançasse em relação ao conhecimento científico, desacreditaria da religião e seus preceitos. Desse modo, esta perderia o seu poder de coerção e controle sobre a cultura.

Se a única razão pela qual não se deve matar nosso próximo é porque Deus proibiu e nos punirá severamente por isso nesta vida ou na vida futura, então, quando descobrirmos que não existe Deus e que não precisamos temer Seu castigo, certamente mataremos o próximo sem hesitação e só poderemos ser impedidos de fazê-lo pela força terrena.

Assim, vemos o quanto essa frase nos remete à atualidade. Temos assistido a uma sucessão de crimes hediondos nunca antes vistos, que nos chocam pelo requinte de crueldade e indiferença pela vida do outro. Por outro lado, do mesmo modo que não se pode contar com as forças divinas, parece-nos claro que essa impossibilidade se estende também para as forças terrenas, ou seja, as leis. Se elas existem, mas são falhas quanto à sua aplicação, a impressão que se tem é que a barbárie toma um lugar cada vez mais de destaque em nossa sociedade.

Parece-nos, dessa maneira, vislumbrar frente a essa postura bárbara pelo menos duas perspectivas: uma reacionária, incrementada pelo atual pontífice da Igreja Católica, bem como de outros seguimentos evangélicos; e outra, de caráter eminentemente perverso. A primeira refere-se às práticas ortodoxas de coerção, como as proibições de âmbito individual e social: a proibição do uso de preservativos; o não oferecimento da comunhão, na missa, aos divorciados; realização da missa em latim, entre outras. Volta-se, assim, ao culto de valores medievais, a nosso ver, incompatíveis com a sociedade globalizada em que vivemos. Já a segunda perspectiva elucida a indiferença, a falta de responsabilidade, a não-implicação em relação aos atos que infringem a si e ao outro, caracterizando-se, muitas vezes, como criminosos, tornando-se, sua prática, freqüente e livre de sanção legal e/ou moral, o que inviabiliza qualquer possibilidade de vida em sociedade.

Sem correr o risco de reducionismo, a psicanálise elabora uma via que se opõe radicalmente ao reacionarismo e à postura perversa. Assim, já em Freud (1927/1978a), há uma preocupação de punir com certo rigor o sujeito que pratica o crime ou então de rever a relação que a cultura estabelece com a religião. Também decorre do ensinamento de Lacan, leitor de Freud, uma postura ética que

convoca o sujeito a se responsabilizar e se implicar em seus atos.

Vimos que, ao longo do texto **O Futuro de uma Ilusão**, Freud (1927/1978a) trata a religião como da ordem da ilusão, uma vez que é fruto de desejo humano, residindo aí o sentido de sua força. Além disso, afirma que as práticas religiosas são apenas um estágio da evolução humana, sendo que no futuro é a ciência que reinará com todo vigor, resolvendo as grandes questões que infligem o espírito humano. Endossa que por trás das idéias religiosas há sempre a busca pelo pai, que logo substitui a função protetora da mãe pela sua força. No próximo item, dedicado à elucidação da idéia de religião no texto **O Mal-Estar na Cultura**, Freud (1929-30/1978b) retoma essa discussão, enfatizando o aspecto do desamparo infantil.

2. A visão de Freud sobre a religião em seu texto “O Mal-Estar na Cultura”, de 1929-30

Freud (1929-30/1978b) escreve seu texto **O Mal-Estar na Cultura** no intuito de melhor compreender os relacionamentos entre os homens, discutindo, assim, a busca de felicidade e prazer realizada por estes em contradição com as restrições impostas pela cultura. Apresenta sua visão sobre a condição humana, que se inicia a partir de uma análise sobre a origem da religiosidade.

Freud (1929-30/1978b), que se dizia um judeu ateu³, em uma de suas tentativas de explicação do sentimento religioso em seu texto **O Mal-Estar na Cultura** relata que havia recebido uma carta de um amigo dizendo sobre a sua experiência de religiosidade, fazendo referência ao sentimento oceânico experimentado, que tudo abrange, sem limites; ou seja, seria a sensação de ser uno com o mundo externo em sua completude.⁴ Embora Freud não aceite a possibilidade dessa experiência, uma vez que ela vai de encontro ao contexto da Psicologia, ele não nega que esta possa ser a base da religiosidade para outras pessoas. A fim de explicar tal sentimento, este autor elabora a hipótese de que esse seja derivado de um sentimento primário do eu. Este último vai se separando do mundo externo não de maneira brusca, mas gradativamente. Na relação da criança com o seio materno, este nem sempre está à disposição constantemente; e essa é uma forma do Princípio da Realidade se

apresentar, contrastando o eu com o mundo externo. Outra forma apresentada por Freud (1929-30/1978b, p.133) diz respeito ao contato com o mundo externo que é da ordem do desprazer,

o que vai ser contestado pelo Princípio do Prazer (tenta isolar o eu do que for desprazeroso), que vai fazer com que o eu se lance ao mundo exterior em busca de sensações prazerosas. Esse eu primitivo vai ser retificado pela introdução do Princípio de Realidade.

Segundo Freud (1929-30/1978b), originalmente o eu engloba tudo, não se distingue do mundo exterior. Só posteriormente é que consegue separar de si próprio esse mundo externo. Nesse sentido, esse sentimento primário do eu, em algumas pessoas, permanece com maior ou menor intensidade, co-existindo com um eu que consegue se separar melhor do mundo externo. Assim, o sentimento oceânico, de ilimitabilidade, que tudo abrange, descrito em carta por seu amigo, pode ter sua origem nesse eu primário.

Nesse mesmo texto, Freud (1929-30/1978b, p.137) afirma ainda que *“um sentimento só poderá ser fonte de energia se ele próprio for expressão de uma necessidade intensa”*. Reforça, então, a hipótese já elaborada e citada anteriormente em seu texto *O Futuro de uma Ilusão* de que a religião seria oriunda da necessidade do homem em se relacionar com o pai, ou seja, seria uma reedição do sentimento de desamparo infantil. A religião, nesse caso, seria explicada pela nossa necessidade inconsciente de uma proteção e balizamento de nossas ações e procedimentos pessoais contra esse destino⁵ que é desconhecido. Freud (1929-30/1978b, p.137) ainda acrescenta que *“a religiosidade seria como que uma defesa para o eu diante dos perigos oferecidos pelo mundo externo”*.

O próprio deus judaico Javé tem se apresentado, nas descrições bíblicas, como uma figura protetora de seu povo. Aquele que ampara, porém castiga exemplarmente os desvios assinalados nas leis impostas ao povo dito como escolhido. O interessante é que a figuração de Javé toma contornos paternos, um ser de barbas brancas, semblante sério e autoritário, sábio e, ao mesmo tempo, vingativo e prontamente atuante no sentido da estabilidade e organização social de seus protegidos. Nas palavras de Freud (1929-30/1978b, p.139):

O que o homem comum entende como sua religião é que esta se apresenta como um sistema de doutrinas e promessas que, por um lado, lhe explicam os enigmas deste mundo com perfeição invejável, e que, por outro, lhe garantem que uma Providência cuidadosa velará por sua vida e o compensará, numa existência futura, de quaisquer frustrações que tenha experimentado aqui. O homem comum só pode imaginar essa Providência sob a figura de um pai ilimitadamente engrandecido. Apenas um ser desse tipo pode compreender as necessidades dos filhos dos homens, enternecer-se com suas preces e aplacar-se com os sinais de seu remorso.

A esse respeito, Morano (2003, p.65) declara ainda que

... o Deus ilusório, de acordo com o modelo do pai educador, apresenta-se também como garantia de uma justiça final e como retribuidor, através do dom da imortalidade, de todas as renúncias e todos os sacrifícios que tão penosamente o homem deve suportar no curso de sua existência terrena.

Pensando em um ícone que representa com fidelidade a imagem do pai no meio religioso, a lembrança imediata é do padre (que vem da palavra *pater*, em latim, pai) na Igreja Católica e do pastor na Igreja Evangélica. Esses líderes encarnam um personagem do saber, do aconselhar, do proteger e até do perdoar, o que lhes confere uma autoridade diretamente ligada a Deus. Tanto que o padre, na Igreja Católica, tem o poder de perdoar em nome de Deus. A atuação sacerdotal é de tamanha envergadura para os fiéis católicos que uma confissão se transforma em um elo terreno de aproximação imediata com Deus. Ai, portanto, daquele que não é perdoado! Veja-se, por exemplo, o caso de uma excomunhão, que é um instrumento canônico castrador e irreversível.

No entanto, como já mencionado, sob o ponto de vista de cada indivíduo, com a disseminação do conhecimento, a religião deixa de ser uma prática sem questionamentos. Porém, muitas vezes, se torna também uma forma íntima e pessoal de comunicação com Deus, o “re-ligare” em sua essência mais profunda.

Mesmo pessoas que se dizem agnósticas têm, em seu íntimo, cultuado e se voltado a pelo menos uma busca interrogativa de um ser supremo e protetor, mecanismo talvez inconsciente de uma necessidade de defesa de nossas fragilidades que culminam com o vislumbre de nossa mortalidade. Nesse sentido, a fé que move as religiões se confronta com o pensamento científico, uma vez que as pessoas se envolvem com as suas crenças, tomando-as como verdade, independentemente de sua constatação ou comprovação racional. No fundo, as pessoas têm procurado buscar a felicidade ou evolução espiritual num plano que extrapola o seu cotidiano, tendo a religião como um importante suporte para esse fim.

Entretanto, não é aconselhável a uma pessoa que invista toda sua pulsão em um só objetivo na busca da felicidade, uma vez que esse movimento é perigoso e seu êxito jamais é certo. A religião nos oferece uma possibilidade de atingir essa felicidade e a proteção contra o sofrimento através de uma maneira restrita, imposta igualmente a todos. Assim, ela molda a realidade de uma maneira delirante, intimidando a inteligência humana. Freud (1929-30/1978b, p.147), em **O Mal-Estar na Cultura**, nos alerta sobre esse fato:

A esse preço, por fixá-las à força num estado de infantilismo psicológico e por arrastá-las a um delírio de massa, a religião consegue poupar a muitas pessoas uma neurose individual. Dificilmente, porém, algo mais.

Como já foi dito, não existe garantia de que um caminho específico é capaz de nos levar à felicidade e nem mesmo a religião possui essa capacidade. Com relação ao fato de a religião ser um tipo de defesa que a cultura oferece contra a neurose, Morano (2003, p.44) assevera que

a ilusão religiosa – arrastando para si uma parcela considerável de energia libidinal (velada em seu fim especificamente genital) – colabora na canalização das pulsões sexuais não inibidas em sua finalidade. Desse modo é contornada uma importante via para a neurose.

Não é possível transformar a realidade somente pela força do desejo. Assim, a felicidade plena, mesmo para as pessoas que

optam pela religião como forma de defesa contra a neurose, também continuará a ser impossível.

Com relação ao nosso psíquico, o sistema que o rege desde o início e determina o propósito da vida nessa busca pela felicidade é o Princípio do Prazer. Porém, torna-se impossível a obtenção de prazer de maneira constante e completa, pois há um mundo exterior e este é regido pelo Princípio de Realidade. Sendo assim, não há somente prazer, mas também sofrimento e este nos ameaça, segundo Freud (1929-30/1978b, p.141), a partir de três direções:

de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro.

Hoje, mais do que nunca, as forças advindas do mundo externo, estão se fazendo presentes de forma avassaladora, uma vez que o próprio homem vem utilizando do que lhe é oferecido pela natureza de maneira irresponsável, destruindo-a e colocando em xeque a sua própria sobrevivência e a do planeta como um todo. Na contemporaneidade, em que vigora a globalização, mesmo que tais valores não tenham tanta importância como outrora, ainda assim o homem recorre à religião como forma de proteção, tanto em relação aos males advindos do corpo, quanto aos do mundo externo e aos advindos de nosso relacionamento com os outros. Neste último, em particular, é imprescindível ressaltar o quanto as pessoas, justamente por não saber lidar com essa sociedade na qual os valores têm que ser inventados, onde não há receita para nada, desconsideram a alteridade do outro, tirando-lhe a própria vida.

Nesse texto **O Mal-Estar na Cultura**, Freud (1929-30/1978b), tal como procuramos elucidar, concebe a origem do sentimento religioso como advindo da condição primária do eu, pois este não se diferencia inicialmente do mundo externo. Afirma que esse sentimento é fruto da necessidade humana de proteção frente às

intempéries oriundas da Natureza e também da cultura. A religião também pode ser vista como um delírio realizado em massa e, nesse sentido, tem um papel “profilático”, poupando muitos indivíduos de um sofrimento neurótico. Freud (1929-30/1978b), por fim, adverte que a religião, de maneira restrita, indica aos homens um caminho para se obter a felicidade, driblando, na medida do possível, o sofrimento.

Neste último item, procuraremos articular as considerações sobre a religião em ambos os textos acima trabalhados, **O Futuro de uma Ilusão** e **O Mal-Estar na Cultura**.

3. Uma articulação da visão de religião entre os textos freudianos “O Futuro de uma Ilusão” e o “O Mal-Estar na Cultura”

Nesses dois textos trabalhados, nota-se que, apesar de terem sido escritos com intuitos diferentes, no que se refere à religião, há muito mais pontos em comum do que divergências.

Um desses pontos diz respeito à ênfase dada por Freud à idéia de que as necessidades religiosas encontram sua origem no sentimento de desamparo experimentado na infância. Ao sentir-se ameaçada, a criança procura segurança no colo de sua mãe, que logo é substituída pelo pai nessa função de proteção. Uma vez adulto, não deixa de perceber que também se é vulnerável a forças da natureza. Ao tomar consciência de sua finitude, busca essa segurança em uma imagem ilusória de um pai todo-poderoso que irá socorrê-lo. Assim, fica claro que há sempre oculta a figura do pai por detrás de toda imagem divina.

Outra questão a ser considerada é a de que as crenças religiosas, dentre as demais realizações da cultura, advêm da necessidade de proteção contra as forças da natureza. O ser humano, diante do desconhecido e do que não pode controlar busca sempre uma defesa que tente blindá-lo das ameaças que porventura possam destruí-lo. O mesmo acontece com a civilização, à medida que essa se mostra deficitária no oferecimento dessa proteção.

No que diz respeito à consideração da religião como uma ilusão, Freud (1927/1978a) nos adverte de que o desejo sustenta essa

premissa, pois não se trata de um erro, de uma falsidade, mas de algo que se origina na vida da imaginação a fim de realizar desejos difíceis de serem executados. Nesse sentido, Pegoraro (2008, p.30) afirma que “assim é a ilusão: não tem compromisso com a realidade, não dá valor à verificação objetiva (científica) do desejo”. Então, a religião não possui valor objetivo algum, pois se encontra além de qualquer prova científica, que trabalha no âmbito da realidade. Tem-se, dessa maneira, polarizações distintas, quais sejam, de um lado, a religião e a ilusão, que modelam a realidade de uma maneira delirante, e de outro, a razão e a ciência, que lidam diretamente com a realidade. Há, então, uma aposta ferrenha de Freud em um futuro no qual a ciência triunfará e a religião não mais terá a função que ainda hoje desempenha em nossa civilização.

Um ponto de divergência notado nos textos estudados é que, embora sejam textos escritos na mesma época, com a diferença de aproximadamente três anos, vemos um Freud no texto **O Mal-Estar na Cultura** muito menos otimista com relação à resolução do problema da felicidade pela via dos descobrimentos e das técnicas produzidas pelo conhecimento científico do que em seu texto anterior **O Futuro de uma Ilusão**. Ao chamar a atenção para o mal-estar presente na civilização, Freud (1929-30/1978b) nos evidencia que não há nada nem no micro nem no macrocosmo que resolva as tendências agressivas, expressão da pulsão de morte, termo cunhado em seu texto de 1920, **Além do Princípio do Prazer**, e retomado nesse texto de 1929-30.

Não se pode perder de vista que, durante todo o tempo que Freud trabalha com o conceito de religião nessas duas obras, não se trata de tomar esse conceito de forma generalizada. A esse respeito, o pastor Oskar Pfister (1928/2003), psicanalista com quem Freud mantinha diálogo sobre a temática da psicanálise e religião, adverte que quando Freud acusa a religião de confusão alucinatória, ele na certa tem razão no que diz respeito a muitas formas de religião. Porém, será que isso vale para todas as formas de religiosidade? A nosso ver, a concepção de religião adotada por Freud refere-se geralmente a um conteúdo advindo da escuta dos sujeitos em seu consultório, que, em sua maioria são neuróticos e reivindicam, entre outras coisas, um amparo para suas inseguranças e conflitos psíquicos. Nas palavras de Pegoraro (2008, p.78):

Para Freud, ilusório é o deus controlador, gerente de nossos comportamentos; juiz que pedirá contas de nossas vidas; nosso refúgio contra inseguranças psíquicas e ameaças da natureza; um deus que exige louvores, ofensas e expiações para garantir-nos os favores celestes neste mundo e no outro.

Entretanto, parece-nos que na sustentação dessa concepção de religião, além do dado clínico, há um fato de cunho pessoal que não se pode desconsiderar, que diz respeito ao ateísmo de Freud. Ainda que a religião para Freud seja concebida como uma força inestimável que age poderosamente no psíquico, ele ainda a considera como uma grande inimiga do labor científico e não tão fácil assim de ser derrotada.

Conclusão

Freud, numa linguagem contundente em suas obras citadas neste artigo, desmistifica a religião professada pelos homens, taxando-a de uma grande ilusão. O homem, no entanto, é um ser transcendental pela força de sua inteligência e criatividade, propulsões que foram por sua religiosidade, como já comentado neste trabalho. A complexidade do tema não nos autoriza afirmar que essa grande “ilusão” da humanidade pode desaparecer, de maneira irreversível, somente em função dos grandes saltos de desenvolvimento humano. O desconhecido, a própria insegurança e dúvida humanas acompanharão o homem por um bom tempo em sua trajetória histórica. Difícil será prognosticar com certeza seu futuro relacionamento e o “re-ligare” de suas crenças e fé. Porém, o que se nota é que ainda hoje as crenças religiosas se caracterizam como ilusões necessárias, uma vez que a ciência ainda não avançou tão largamente quanto pretendia Freud a ponto de responder a todos os questionamentos humanos e nem o ser humano amadureceu a ponto de se tornar crítico e independente de uma religião. Pode-se questionar, finalmente, se a fé no futuro da ciência seria também uma grande ilusão humana, uma vez que é plena de desejo, ainda que esta trate do Real.

Ao finalizar esse artigo, abre-nos um leque de possibilidades de pesquisa, uma vez que nos restringimos a apenas dois textos

freudianos que abordam, entre outras temáticas, a da religião. Uma dessas possibilidades seria retomar a idéia freudiana sobre a reedição do sentimento de desamparo infantil em uma sociedade na qual a figura do pai já não é tão “orientadora” e presente como na época de Freud. Sendo assim, como pensar o papel da religião nessa sociedade atual em que os valores estão cada vez mais diferentes da época vitoriana? Tais questionamentos se justificam na medida em que a temática da religião ainda se figura como alvo de pesquisas e discussões.

Notas

1. Este trabalho é fruto de um relatório de pesquisa de Iniciação Científica financiado pelo CNPq, bem como pelo Programa Primeiros Projetos (FAPEMIG).
2. É importante ressaltar que a concepção de ilusão como uma realização de desejos, utilizada por Freud nesse texto de 1927, é específica para caracterizar a religião, sendo que em outros momentos de sua obra, como por exemplo no artigo “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, a ilusão ganha uma acepção de efetividade, ou seja, refere-se a um aspecto objetual da ilusão. Para sermos mais precisos, Freud está se referindo às obras de arte que são evocadas como novas espécies de efetividade.
3. Sobre o ateísmo de Freud, vale a pena se atentar para algumas considerações feitas por Peter Gay (1992) em seu livro **Um Judeu sem Deus**. Nesse texto, o autor afirma que foi em grande parte devido ao seu ateísmo que Freud se tornou um psicanalista.
4. Não se pode ignorar que Freud, durante toda a sua obra, não abriu mão de uma perspectiva dualista, concebendo, assim, o psíquico como eminentemente conflituoso. Podemos deduzir daí que é impossível conceber qualquer aspecto psíquico que se refira ao humano como da ordem da totalidade, como é o caso desse sentimento oceânico relatado por seu amigo.
5. Com relação ao conceito de destino utilizado por Freud, Pegoraro (2008) nos adverte que provavelmente ele tirou esse tema da tradição estoica, uma vez que para esta última, o

destino é a própria lei da natureza, eterna, divina, que rege os comportamentos humanos e conduz os fenômenos da natureza. Assim, esse destino é o senhor das leis da natureza, da vida e da morte.

Referências

- Dawkins, R. (2007, fevereiro 18). O instinto da fé. *Folha de São Paulo*, Mais, Suplemento de domingo. Recuperado em fevereiro 18, 2007, da <http://www.folha.uol.com.br>
- Freud, S. (1978a). O futuro de uma Ilusão. In *Os pensadores: Vol. Freud* (D. Marcondes et al., Trads., pp. 87-128). São Paulo: Abril cultura. (Originalmente publicado em 1927).
- Freud, S. (1978b). O mal-estar na civilização. In *Os pensadores: Vol. Freud* (D. Marcondes et al., Trads., pp. 131-194). São Paulo: Abril cultura. (Originalmente publicado em 1929-30).
- Freud, S. (1996). *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Gay, P. (1992). *Um judeu sem Deus: Freud, ateísmo e a construção da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Morano, C. (2003). *Crer depois de Freud*. São Paulo: Loyola.
- Pegoraro, O. (2008). *Freud, ética e metafísica: O que ele não explicou*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pfister, O. (2003). A ilusão de um futuro: Um embate amigável com o prof. Dr. Sigmund Freud. In: K. Wondracek (Org.). *O futuro e a ilusão: Um embate com Freud sobre psicanálise e religião* (pp. 17-56). Petrópolis, RJ: Vozes.

Recebido em 13 de junho de 2007

Aceito em 17 de março de 2008

Revisado em 24 de abril de 2008